



Os Monólogos de Gaza

Escritos por crianças e jovens do ASHTAR THEATRE
em 2010, após a primeira guerra na Faixa de Gaza
com duração de 22 dias
entre dezembro de 2008 e janeiro de 2009
Esses monólogos são publicados no Brasil
para inspirar leituras, apresentações, empatia e debate

Dia Internacional de Solidariedade com o Povo Palestino
29 Novembro de 2023

Convidamos você a postar sua apresentação
nas redes sociais e marcar o Ashtar Theatre
no Instagram, Facebook, YouTube e LinkedIn
@ASHTARTheatre #ASHTARTheatre

Articulação e Gestão
Rede Brasileira de Arteducadores



Para mais informações, você pode entrar em contato conosco em:
redebra@hotmail.com ou info@ashtar-theatre.org

1. Ahmed El Ruzzi
Nascido em 1993
Rua Al Wehda

Antes da guerra, Gaza era para mim como uma segunda mãe. Sua terra era como um peito quente contra o qual me deitar. Seu céu, eram meus sonhos sem fronteiras e na água de seu mar, eu me limpava de minhas preocupações. Mas hoje eu sinto Gaza como um exílio, não a sinto mais como o país de meus sonhos. E você sabe por quê? Deixe-me explicar a você...

Durante a guerra o gerador de eletricidade do bairro foi destruído por um míssil. Todos os meus tios estavam em nossa casa quando a corrente elétrica foi interrompida, mas na casa dos vizinhos que estão conectados a outra rede, havia luz, a eletricidade ainda funcionava. Fui pedir-lhes se podia ligar uma extensão em sua linha para que pudéssemos ter luz. Após termos conectado a extensão e termos aceso as luzes em casa, o vizinho veio, ele queria recuperar a sua extensão. Começamos a brigar como reles mercadores, ele e eu. Quando há guerra, cada um diz a si mesmo: Cada um por si e Deus por todos!

Durante a guerra alguns tinham vinte sacos de farinha enquanto outros não tinham mais do que migalhas para engolir. Alguns se viam obrigados a assar o pão na brasa enquanto outros tiveram gás até o final. Havia pessoas que só tinham pão seco para comer e quando estes iam pedir aos seus vizinhos que lhes dessem alguma coisa, eles se recusavam. A maioria das pessoas fechou a sete chaves os víveres que tinha em casa e decidiu não dar nada para ninguém. Mas havia também outras pessoas, pessoas boas que ajudavam os outros...

Bem, para voltarmos àquela questão, recusamos em devolver-lhe a extensão - ainda que ela lhe pertencesse - e foi ali, pela primeira vez que me dei conta que ponto somos capazes de malvadeza...Por sinal, o castigo não tardou a recair sobre nós: a casa ao lado da nossa foi bombardeada. Ela foi dividida em dois pedaços e a metade que estava do nosso lado desmoronou sobre nós. Abandonamos a extensão e a eletricidade, pegamos o que pudemos e fomos nos refugiar no meu tio que mora ao lado do parque municipal

A casa do meu tio fica ao lado do Quartel. À noite as pessoas começaram a dizer que o quartel seria bombardeado, havia grandes chances de que a casa de meu tio fosse também reduzida a pó. Meu pai tentava nos acalmar. Ele nos dizia: “Não tenham medo, não se preocupem, não vai acontecer nada”.

Ficamos assim até meia noite. Escutávamos sem cessar barulhos de mísseis e de explosões e meu pai continuava a dizer: “Não se preocupem, não tenham medo”. E de repente ele disse: “Sigam-me todos, vamos voltar para casa”. Ele começou a tremer e todos nós tremíamos com ele. Minha mãe começou a gritar e meu tio começou a passar mal.

Assim, fugimos todos em pleno meio da noite, a família do meu tio e nós. Cor-

remos como loucos até chegar em casa. Quando finalmente chegamos, simplesmente não acreditamos. Nem sei mais onde dormimos, nem mesmo como conseguimos dormir...O mais importante era que não estávamos mais ao lado do quartel.

Quando voltamos, o vizinho tinha recuperado sua extensão, passamos a noite no escuro enquanto a casa dele estava iluminada. Quanto a mim, naquele momento, eu disse a mim mesmo que era direito seu recuperar sua extensão.

Depois disso meu pai começou a ficar obcecado por extensões, comprou três, mais seis botijãozinhos de gás, duas panelas de pressão elétricas, 20 lâmpadas de neon, 20 pacotes de velas, seis caixas de conservas, dez pacotes de pavios para as lamparinas de petróleo, seis tochas elétricas e duas caixas de pilhas de rádio. Estávamos vivendo uma guerra, então era preciso nos organizarmos até que tudo voltaria aos trilhos.

Quanto a mim, comecei a ter uma obsessão ainda pior do que todas as outras, uma obsessão tão severa que ela, em si, era maior do que as de todos, juntas. É como se, antes da guerra, eu fosse extremamente generoso, ou talvez não conhecesse o valor das coisas, mas depois da guerra – nossa! incrível! Posso me dar os parabéns! – me tornei extremamente atento, presto atenção em tudo. Antes, nunca poderia ter imaginado que um dia não teria nem uma migalha de pão para comer ou uma gota de água para beber. Agora, quando preparo o chá, quase não coloco açúcar. Quando tenho pão, deixo sempre um pedaço de reserva, me proíbo de dar fim nele. Perdi todo meu apetite, me tornei um comedido no mais alto grau!

Meu pai costuma dizer: “Ahmed não gasta um tostão da sua mesada, ele guarda tudo”. Claro, porque eu conservo tudo, para o caso de termos novamente a guerra!

Sinto como se fosse casado e pai de dez filhos. Tenho medo da vida...Tenho medo de tudo, de tudo e de nada...Estou sempre preocupado, tenho a sensação permanente de que Gaza está construída sobre areia movediça.

Neste país, a coisa mais louca que podemos imaginar, pode acontecer a qualquer momento. E ao mesmo tempo, muitos sonhos também podem se realizar. É um país estranho, não há nenhuma lógica.

A China contém hoje um terço dos habitantes do planeta, eles trabalham dia e noite e, no entanto, não conseguem fornecer camisas e sapatos suficientes para os habitantes de Gaza. Gaza engole tudo que lhe cai nas mãos. A verdade é que há muita miséria, há até mesmo pessoas que procuram comida no lixo.

O mais triste é que não paramos de andar para trás e o pior é que ninguém está aí para deter nossa queda livre.

Todos os buracos têm um fundo, mas Gaza não, Gaza não tem fundo.

Quando estou sozinho, sou invadido por pensamentos, eles me levam onde querem. Penso em tudo: no país, na nossa casa, em mim mesmo, mas não chego em lugar nenhum. Estou na maior parte do tempo sozinho e completamente deprimido.

Antes da guerra desejava que os checkpoints permanecessem abertos 24h. Hoje, meu sonho é que possamos superar as divisões existentes entre palestinos porque elas nos tornam completamente esquizofrênicos.

Meus sonhos, eles, são simples: sonho viver, nem que fosse um único dia, em liberdade. Não é um sonho muito alto, me parece, mas, mesmo assim, este sonho, é difícil vê-lo realizado.

Não sei de mais nada, estou cansado de pensar, mas ao mesmo tempo, não consigo parar de pensar. Mas pensar não é o que faz com que as coisas mudem porque, como diz o ditado, o homem propõe e Deus dispõe e assim concludo dizendo boa noite a todos!

2. Ahmad Taha
Nascido em 1996
Al Daraj

Durante toda minha vida achei que Gaza era a maior e a mais bela cidade do mundo...Mas um dia fui com meu pai a Jaffa e quando voltei, estava com a cabeça virada. Tinha a impressão de que Gaza era tão minúscula quanto um buraco de alfinete, que ela estava longe de ser bonita, que tudo nela se tornava menor e mais feio, que era tão sufocante ao ponto de não deixar ninguém respirar e como se não bastasse, ainda somos proibidos de viajar.

Quando caminho pelas ruas de Gaza, me sinto sufocado. A imagem de Jaffa não sai da minha mente. Digo a mim mesmo que não é possível essa diferença que há entre o resto do mundo e nós! É por isso que sempre vou à beira do mar, porque tenho a impressão de que o mar não faz parte de Gaza. Escrevo meu nome na areia e as ondas vêm apagá-lo.

Antes da guerra eu queria me tornar engenheiro eletrônico. Mas desde que a guerra eclodiu, detesto ir à escola. Sinto que não me tornarei ninguém de importante na vida. Ainda que me tornasse, de que isso serviria? Tudo está represado neste país...Se é para se tornar como uma rosa sobre um monte de excrementos...

Assim que os bombardeios começaram, todas as escolas mandaram seus alunos ficarem em casa, menos a nossa. O diretor queria que os horários fossem respeitados e não nos deixou ir embora. Mas em alguns instantes, os alunos viram-se no pátio e começaram a gritar. O mais estranho dessa história é que estudo na escola de Al-Zaytouna que está bem ao lado do Serviço de Passaportes, exatamente onde houve o primeiro ataque, um pedaço de míssil veio plantar-se na maior árvore da escola e a cortou ao meio, como um pedaço de junco. Quando vimos isso fugimos todos, alunos, professores e o diretor.... Foi um verdadeiro salve-se quem puder!

Achei que o único mártir que eu veria durante essa guerra fosse essa árvore. Mas quando cheguei em casa já havia quatro mártires em nossa rua, como se eles esperassem que eu chegasse para dar-lhes meu adeus. Mal eu tinha acabado de dar meu adeus, três novos mártires, todos de uma única família do bairro, chegaram. Também mal os tínhamos enterrado e a casa dos vizinhos – só há a casa da família Hachem entre nossa casa e a deles – foi destruída, apagada do mapa por um míssil do exército, todos morreram. O que mais me deixou triste, foram as meninas...

Tive a sensação de que esta guerra tinha sido desencadeada contra mim, somente contra mim, dentre todos os habitantes de Gaza. Durante todo o dia, eu não parei de ver mártires.

No hospital Al-Shifa vi um espetáculo que sempre guardarei em minha memória...Centenas de cadáveres empilhados uns sobre os outros. Seu sangue, sua

carne, seus ossos se espalhavam uns sobre os outros. Não era mais possível distinguir os homens das mulheres e até mesmo das crianças. Pilhas de carne sobre os leitos, um monte de gente chorando, gritando, pessoas que não sabiam onde estavam seus filhos, seus maridos, suas esposas... Aquela noite voltei para casa e fiquei acordado a noite inteira por causa do medo que sentia. Achei que seria somente naquela noite, mas até hoje eu os vejo diante de mim e não consigo dormir.

3. Ashraf A Sossi
Nascido em 1994
Rua Al Wehda

Todas as crianças do bairro o amavam. Ele era mais tranquilo que uma brisa, pegava seu dinheiro de bolso com meu pai e me dava.

Todos o adoravam. Seus amigos vinham, e ele ia com eles para a escola. Saíam correndo como borboletas, voando pelo chão... como se o mundo fosse feito para eles.

Os aviões israelenses estavam no ar. O som do helicóptero era como um monstro à espreita de pular sobre sua presa.

Um carro com homens procurados estava dirigindo pela Rua Yarmouk, e as borboletas estavam perto do carro. As borboletas não sabiam que aquele carro seria o fogo que as queimaria.

Um foguete caiu no carro. Meu irmão Tareq voou cinco metros do chão. Ele voou mais alto que o carro e depois desceu andando; não havia nada de errado com ele. A ambulância veio e levou os corpos. As pessoas diziam para ele entrar na ambulância, mas ele disse: "Não há nada de errado comigo" e continuou indo para a escola.

Cem metros depois, ele colocou a mão no coração e caiu como um mártir. Eu estava na rua esperando o ônibus escolar, e minha irmã me disse para ir ver o que estava acontecendo. Eu fui, mas não vi Tareq, e fui para a escola.

Enquanto eu estava na sala de aula, meus tios vieram e disseram que eu ficaria três dias fora da escola. Eu não suspeitava de nada; entramos no carro... Meu tio disse ao motorista para desligar as notícias. Aí comecei a suspeitar porque meu tio adora as notícias. Chegamos em casa, e havia uma grande multidão de pessoas ao redor. Antes de descer, vi meu pai sentado na cadeira chorando. Foi a primeira vez que vi meu pai chorar, e ele segurava a foto de meu irmão Tareq. Perguntei a ele: "Pai, meu irmão foi martirizado?" Ele disse: "Que Deus tenha misericórdia de sua alma."

A ambulância o trouxe do hospital... todos corremos até ele para nos despedir. Ele estava dormindo como um anjo, com o livro que estava segurando ainda em suas mãos.

Meu pai se recusou a nos deixar ir com ele para o cemitério, mas entrei no carro, fui e me despedi dele e li a oração Fatiha em sua sepultura... continuei indo por 3 meses todos os dias para me sentar em sua sepultura e conversar com ele.

À noite, eu contemplo sua foto no quarto, com: "O herói mártir - Tareq" escrito nela.

Desde que meu irmão foi martirizado, me acostumei a dormir sozinho na cama. Costumávamos dormir um em cima do outro, pernas sobre cabeças, às vezes parecia que todos os nossos membros estavam embaralhados. Mas hoje eu tenho uma cama só para mim!

Nunca vou esquecer do meu irmão.

4. Alaa Hajjaj

Nascida em 1996

Al Shuja'iyeh/Al Montar

Sinto vontade de correr, correr, correr pelas ruas até que meu lenço de cabeça voe no céu e eu voe atrás dele...

Às vezes, sinto vontade de ser completamente louca, mas não consigo... É a primeira vez que digo coisas assim, talvez não sejam o tipo de coisas que eu digo, ou talvez sejam coisas que não consigo expressar, ou tenho medo de expressar...

Por que meus pais me tratam assim? Olho para as garotas da minha idade, como estão vivendo suas vidas, e as invejo. Gostaria de poder ser como elas, em sua confiança e liberdade.

Gostaria que um navio me levasse para uma ilha distante e me jogasse em sua costa, longe do mundo, longe de tudo, especialmente da guerra.

Falando em guerra, toda a guerra era um monte e a mamãe era o outro. Nunca vou entender por que minha mãe ficava me descrevendo coisas que eu já tinha visto!

Ela e eu estávamos de pé na varanda; bombardearam a casa dos nossos vizinhos e um dos vizinhos morreu... Vimos como a casa foi destruída e como o corpo voou para a rua, e você pode imaginar o que aconteceu com a família depois disso.

Terminou? Não, não terminou.

Mamãe começou a me contar sobre como a casa dos nossos vizinhos foi bombardeada e como a nossa vizinha voou da casa, como se estivesse falando com alguém que não estivesse ao lado dela! E assim continuou, histórias da mamãe durante toda a guerra, e eu era a única ouvinte.

Estávamos sentadas assistindo TV, e eles diziam que havia bombardeios ou destruição em algum lugar. O relato durava quinze minutos, mas o relato repetido da mamãe durava DUAS HORAS... Ela falava sobre o relato como se eu não tivesse estado com ela. Comecei a duvidar de mim mesma - eu estava ou não estava sentada com ela? Eu juro que estava lá, eu estava realmente lá, estava sentada ao lado dela!

De qualquer forma, felizmente, minha mãe não está com vocês, senão ela lhes daria uma dor de cabeça com suas histórias!

5. Amani al-Shurafa
Nascida em 1992
Al Remal

Gaza é um avião que transporta pessoas e viaja rumo ao desconhecido; ele não aterrissa nem no céu nem no inferno. Ninguém sabe quando ele vai pousar, e as pessoas ficam assim, suspensas, por duas vezes o tempo que eu tenho de vida.

Todos os dias são iguais aqui; não há nada de novo. A coisa mais simples de se entender é que em Gaza é difícil realizar seus sonhos e desejos, especialmente se esses forem como os meus... de ser uma artista, de cantar, representar, tocar música. Em Gaza, a única música é a da morte, e dançando sobre as feridas...

Se eu fosse para o exterior estudar direção, como a sociedade me olharia? Depois de me formar, o país estaria como está agora ou pior? Tudo para mim é nebuloso e confuso, como o rosto das pessoas numa sexta-feira no mercado de Feras. E como no dia em que a guerra começou...

O primeiro ataque foi no Escritório de Migração. Minha amiga e eu estávamos saindo de uma prova; era o primeiro dia de provas do primeiro trimestre. Sentamos em frente ao portão da escola, e ficamos conversando e esperando o restante de nossos amigos para irmos para casa juntos. De repente, houve uma série de explosões... fiquei em choque e senti que ia morrer. Fugimos, e eu estava com muito medo... vi as mulheres correndo e gritando e batendo em seu rosto... e eu não fazia ideia do que estava acontecendo. Senti que não iria conseguir mais ficar de pé e o mundo começou a girar... Desmaiei e não senti mais nada. Daí acordei com a voz da minha amiga gritando: "Amani, pelo amor de Deus, acorde!".

Quando eu acordei, comecei a chorar, sem saber para onde ir ou o que fazer. Uma menina mais velha me ajudou e me levou para casa. Assim que cheguei, minha mãe tomou-me em seus braços. Eu estava muito cansada, mas naquele momento consegui descansar. Eu precisava cair nos braços de alguém. A coisa mais difícil de sentir é que o momento da sua morte está próximo.

A guerra era um fantasma negro que cobria os dias e as noites de Gaza. Ela impôs o seu inferno às pessoas, à terra, ao céu e ao ar que respiramos.

Depois da guerra eu tive um colapso; uma onda grande e brutal tomou conta da minha alma. Pensei que não mais conseguiria sair dela. Mas foi como se uma mão me fosse estendida pelo teatro; uma boia salva-vidas que me puxou para longe da onda. Hoje sinto um conforto que não sentia há muito tempo... e espero poder continuar assim para sempre.

Traduzido por Marília Fontes, Belém do Pará, Brasil. Novembro de 2023

6. Amjad Abu Yasin
Nascido em 1993
Campo de Ash Shati

Um dia antes da guerra, Gaza era para mim alegria e felicidade... viagens e idas ao mar... A vida parecia feliz... e eu não pensava em nada.

Eu tinha um sonho: que Gaza se desenvolvesse nas artes e nos esportes. Eu sentia que tudo estava indo bem, exceto por estas duas coisas, mas acabou que nada estava bem – nem artes, nem esportes, nem saúde ou segurança. Tudo estava igual.

Gaza deixou de ser a cidade dos meus sonhos porque o meu sonho é ser ator. Serei um ator para vinte pessoas em Gaza? E vou esperar até a fronteira se abrir?!

Se estivesse em minhas mãos, eu tentaria, tanto quanto possível, reduzir as guerras, as mortes e a violência. É uma pena cada gota de sangue que cai no chão. Odeio o silêncio e a tolerância anormal que as pessoas têm; eu gostaria que toda Gaza acordasse amanhã e andasse pelas ruas gritando bem alto: “Cheeeeeegaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa!!!!”

Quando a guerra começou estávamos jogando futebol e o clima estava estranho, o céu estava vermelho... e, de repente, ouvimos o barulho de um avião; eu nunca tinha ouvido um som assim. Estávamos todos assustados e deitados no chão esperando a morte. Depois disso, ouvimos o som de uma forte explosão a poucos metros de nós. Começamos a olhar para os rostos uns dos outros, silenciosamente dando adeus.

Acaba que o bombardeio não era para nos atingir... ele tinha como alvo um carro, com homens procurados pela polícia, na rua de cima. Mas continuamos deitados esperando pelo segundo foguete, e eu só conseguia pensar nos meus dois irmãos mais velhos que estavam comigo. Fiquei com mais medo por eles que por mim, e acho que eles também sentiram da mesma forma.

Peguei meus shorts de esporte e fugi do campo. Enquanto eu corria, pisei em um estilhaço. Tirei-o da minha perna, fui em direção à rua e os vi. Eles eram três mártires e não era possível distinguir suas feições.

As pernas do primeiro estavam pegando fogo, ele estava olhando para mim e eu para ele. Dentre todos ali, ele estava me alertando sobre algo, mas eu não entendia... foi então que percebi que ele estava me alertando sobre um carro vindo rapidamente em nossa direção.

Foi aí que conheci o verdadeiro significado da morte e, ao invés de serem três mártires, poderiam ter sido quatro.

Fiquei chocado com a cena. Fiquei ali observando e, quando acordei, depois de ter desmaiado, corri para casa.

A guerra veio e acabou, e nós ainda a estamos vivendo. As vítimas são sempre as pessoas pobres que não têm nada a ver com nada. Mesmo quando há um terremoto ou uma inundação, em qualquer país, as vítimas são as pessoas pobres, como se houvesse uma conspiração universal contra elas.

Depois da guerra, todo mundo começou a mentir para todo mundo... mentiras... trapaça... desonestidade... traições.

Por cargos e interesses, os líderes e as pessoas poderosas cometem chacinas e crimes sem pestanejar ou sentir qualquer culpa... os pobres ficam mais pobres e os doentes, mais doentes.

Eu perdi a confiança em todos os lemas... o melhor discurso do maior líder é uma besteira. Nenhum discurso no mundo consegue aquecer uma pessoa com frio ou alguém dormindo em uma barraca depois da guerra. A maior crise é que o mundo inteiro está nos assistindo como se nada estivesse acontecendo, e ainda fazem discursos!

7. Anas Abu Eitah
Nascido em 1995
Ash Sheikh Radwan

Desde criança, sonho em me tornar um jogador de futebol muito conhecido. Sempre acreditei que realizaria meus sonhos, mas hoje um milhão de obstáculos vêm travar meu caminho! Já não há mais campos para adultos – por sinal nem tampouco para as crianças – e com o bloqueio, tudo ficou ainda mais difícil.

Se eu fosse primeiro-ministro, voltaria todos os meus esforços para o ministério da juventude e dos esportes. Construiria quadras poliesportivas em todo lugar, sobretudo nas escolas. Deixaria os alunos jogar livremente, até a exaustão - ao invés de serem expulsos pelo bedel. Aboliria todas as contribuições obrigatórias aos clubes esportivos e cuidaria dos parques e jardins públicos.

Mas os sonhos, os desejos, a esperança, o futuro, todas estas palavras perdem o sentido em um país onde qualquer sonho é aniquilado, por menor que ele seja.

Eu era goleiro e meu amigo Mohamed sempre me dizia: “Vou te meter um gol na cara”. Mas eu sempre conseguia defender seus gols.

No dia 7 de janeiro de 2009, em plena guerra, eu estava sentado perto da porta de nossa casa. Havia neblina. Uma pessoa veio e me disse: “Teu amigo Mohamed morreu como mártir”. Eu, claro, não acreditei. Saí em busca do meu camarada, a ideia da morte me dava muito medo.

Cheguei na mesquita e encontrei meu melhor amigo da vida, o Mohamed, envolvido em uma bandeira palestina, com o corpo em pedaços. Chorei muito e o que me deixava mais triste era de não poder abraçá-lo e apertá-lo em meus braços. Ele foi levado ao cemitério e enterrado. Fiquei ao lado dele, disse a ele que o amava e que estava muito bravo por ele ter me deixado, por ele ter me abandonado, sozinho neste mundo.

Ao sair do cemitério, o bombardeio se intensificou. A impressão que me dava era de que o anjo da morte estava me perseguindo e que não queria me largar. Mas, graças a Deus, eu ainda estou vivo.

8. Ihab Elayyan
Nascido em 1994
Rua Al Saftawi

Desde que tomei conhecimento do mundo, sempre tive um pensamento limitado. A vida para mim era nascer, crescer, casar-me, trabalhar, ter filhos, criá-los, alimentá-los dar-lhes uma educação, casá-los e em seguida morrer.

Mas, desde a guerra, descobri que a vida é ainda muito mais complicada. Ao menor passo que se dá, tem mil e uma dificuldades por detrás.

Quando me tornar adulto, tenho medo de não encontrar trabalho porque, aonde quer que eu vá, vejo homens sentados na frente de suas casas, sem trabalho, sem nada para fazer. É o que me dá mais medo e que me torna mais triste. É por isso que as crianças de Gaza, desde seu nascimento, já estão com a cabeça cheia de preocupações. Sua infância lhes é roubada.

Minha mãe sempre dizia: “Ihab é o melhor de todos os meus filhos”, porque eu sempre estava em casa e não criava problemas.

Quando a guerra começou, meu pai nos fechou a todos em casa, de tanto medo que tinha de que algo nos acontecesse. Após duas horas assim, eu já estava entediado e fui dar um passeio em volta de casa. Mas desta vez era diferente andar pelas ruas, tinha medo de passar perto dos carros e de que eles fossem bombardeados e mantinha minha cabeça sempre voltada para o céu para tentar evitar que um avião viesse a me bombardear sem eu perceber. Eu estava morto de medo apesar da área de Saftaoui ter sido relativamente preservada.... Voltei para casa correndo, como se tivesse escapado de um grande perigo e depois disso não saí mais até o final da guerra.

Depois da guerra minha vida mudou muito. Minha relação com as pessoas e com os vizinhos se tornou melhor. O pessoal do bairro passou a me conhecer e eu comecei a jogar gamão com os anciões. Estou sempre na rua, não consigo mais ficar em casa, nem mesmo 5 minutos e minha mãe não diz mais: “Ihab é o melhor dentre meus filhos.”

Me dei conta de que antes da guerra, eu não estava realmente presente, não estava realmente aqui. Mas após a guerra, é incrível como mudei! Cá estou – e que Deus me proteja! – Vivo intensamente meu país, canto, danço, choro com ele e a vida segue seu caminho...

Traduzido por Sylvie Giraud, São Paulo, Brasil. Novembro de 2023

9. Tamer Najem
Né en 1993
Ash Sheikh Radwan

Gaza é uma caixa de fósforos... e nós somos os fósforos dentro dela.

Quando começou a guerra em Gaza (2009), todas as televisões estavam de olho em nós: Al-Jazeera, AlArabiya e todos os canais via satélite, mas a ocupação não nos deixava em paz. O mundo inteiro estava obcecado por Gaza e pelo que acontecia ali. Certo dia, de repente, nas breaking news da Al-Jazeera, vimos escrito: “Morre um mártir: Mohamed Al Hindi!” E esta notícia não foi como as outras, porque Mohamed é meu tio, irmão da minha mãe. Foi a primeira vez que eu vi os gritos e choros saindo da tela da televisão pra dentro nossa casa. Gritos, uivos, lágrimas... Tudo isso misturado e espalhado em toda a vizinhança. Minha mãe desmaiou.

Pouco tempo depois, o telefone tocou: era meu outro tio que nos ligou para dizer que Mohamed estava morto. Ele não sabia que o mundo inteiro já sabia da notícia... A televisão é uma coisa incrível: mesmo antes de uma pessoa se machucar, enquanto a bala ainda está a caminho de seu peito, ela já transmitiu a notícia!

Mas, hoje em dia, os canais andam ociosos. As televisões estão todas lá, implorando a Deus para enviar uma nova guerra em Gaza para lhes dar um pouco de trabalho.

Enfim, todos nós começamos a chorar amargamente pelo meu tio, lembrando-nos dele e falando sobre ele... Continuamos falando sobre ele por muito tempo. Aos poucos, isso começou a diminuir porque a morte se tornou natural em Gaza, ainda mais comum do que a palavra.

Desde a guerra, parei de me preocupar. Depois de tudo que vimos durante a guerra, não me importo tanto com as coisas. Pois o simples fato de estar vivo é enorme. Sinto cada dia vivido como sendo o maior bônus, porque eu poderia ter morrido a qualquer momento.

Você sabe o que mais? Estou realmente farto deste país, mesmo que eu o ame. E estou cansado das pessoas também. Às vezes, tenho a impressão de conhecer o milhão e meio de pessoas que vivem em Gaza. Nada de novo acontece. Todos os dias é o mesmo dia que se repete. Eu gostaria muito de viajar, respirar um ar fresco, ver rostos novos. Desde o instante que acordo e abro a porta de casa, eu me deparo com o poste de eletricidade. Gostaria de acordar um dia e não ver aquele poste. Todos os dias, encontro Abou Ibrahim, parado em frente ao supermercado, Abed, o que vende sementes de tremoço, vendendo suas sementes de tremoço, e Abou El Abed sentado na frente da porta de sua casa como que com medo que ela fuja... E Imm Ibrahim, conversando com Imm Hassan. E os motoristas de taxis coletivos, eu os conheço to-

dos. Conheço cada um, quem vai para a cidade e quem vai em direção à praia... É de morrer de tédio.

O único momento diferente na minha vida é quando venho para a oficina de teatro. É a única coisa que me interessa. Ele se tornou meu trabalho e minha missão. E espero por este momento, impacientemente.

Se não fosse pelo teatro, eu já teria enlouquecido.
Quando eu crescer, quero ser um grande ator. Desde pequeno, adoro atuar.

De criança, era expulso de qualquer instituição que frequentava após alguns dias, mas, desta vez, é diferente.

10. Taima'a Okasha
Nascido em 1997
At Tuffah

Macarrão, arroz com lentilha, aletria, latas de conservas de todos os tipos... Fabricadas no Marrocos, na China, no Sri Lanka, Paquistão, Somália, pouco importando a data de validade...

Durante a guerra, as ruas estavam cheias de latas de conserva. Muitas crianças cortavam os pés nas latas vazias. A ocupação desencadeou uma guerra terrestre e aérea e nós declaramos uma guerra total aos alimentos.

Comíamos, pelo menos, cem vezes por dia. No momento em que abríamos os olhos, às seis horas da manhã, até a manhã seguinte, no mesmo horário, passávamos o nosso tempo a comer. Eu pensei que era só conosco que isso acontecia desse jeito, mas quando perguntei por aí, disseram-me que toda Gaza fazia o mesmo!

Eu pensava que a guerra, os mártires, as destruições, tudo isso estragaria nosso apetite, mas, aparentemente, o medo e a ansiedade deixam você com fome e com vontade de comer. Talvez o que também tenha contribuído para isso era que toda a família estava presente, principalmente as meninas: eram elas faziam os melhores pratos! E meu pai, que não parava de trazer sacolas com todos os tipos de mercadorias. O que nós engolimos em vinte dias de guerra seria suficiente para um ano inteiro. O problema é que toda vez que eu falava “não quero mais comer”, eu ainda comia mais.

Quando crescer, quero ser jornalista, advogado ou primeiro-ministro. Jornalista para filmar a beleza e a simplicidade que existem em Gaza, porque eu amo.

Adoro o seu sal, a sua terra, o seu ar e não posso imaginar viver em outro país. Advogado para defender todos os necessitados e os oprimidos, porque não gosto de ver alguém que sofre. E eu gostaria de ser primeiro-ministro para poder estabelecer leis e ordem neste país, porque é por aí que a solução começará.

11. Rawand

Nascida em 1997

Al Daraj

“Relaxem meninas, não tenham medo - nada mais é do que o ruído de um tiroteio perdido”. Assim nos disse a professora quando começaram os bombardeios. Depois tocou o celular e só escutamos 3 palavras, “cento e vinte mártires?”. Ela atirou o celular no chão e nos disse: “Voltem todas para casa”.

Assim que saímos do pátio para fora, vimos nossos pais e mães, alguns de pijamas, outros de camisolas. E outros descalços. Isto nos assustou ainda mais, fiquei com minhas duas irmãs esperando nosso pai, mas ele demorava demais...., então decidimos voltar sozinhas para casa apesar da distância.

No caminho, vi um mártir num caixão pela primeira vez na minha vida, carregado e coberto com uma bandeira da Palestina, havia outras bandeiras também e as pessoas choravam. O estranho era que no funeral havia somente umas 30 pessoas no máximo. Normalmente, os funerais dos mártires juntam milhares de pessoas! Foi aí que percebi que algo muito sério estava ocorrendo no país.

Fiquei com medo pelo papai, não queria que viesse nos buscar porque eu tinha medo que ele fosse atingido por um míssil. Eu também estava com medo de morrer e eu não queria morrer ali naquele momento. Porque... seria uma catástrofe se eu morresse e ninguém fosse no meu funeral!

Comecei a correr para casa e todos estavam correndo ao nosso redor como se fosse o Dia do Juízo Final. Ninguém sabia onde ir porque o ruído dos mísseis era incessante. A cada poucos segundos, um míssil caía e sacudia o chão. Eu sentia que as ruas não eram mais as mesmas, nem as pessoas eram mais as mesmas. Eram cenas estranhas, ruídos estranhos e cheiros estranhos.

Depois da guerra, muita coisa mudou dentro de mim. Passei a odiar ir ao banheiro. A partir do momento em que entro no banheiro, mal posso esperar para sair correndo de lá. Porque durante todo o período da guerra eu tinha medo de que um míssil caísse em nossa casa bem quando eu estivesse no banheiro. Lá dentro, a pessoa fica mais concentrada e vocês imaginam o resto.

Também passei a odiar fazer a fila da manhã na escola, pois quando a guerra começou eu estava na fila, por isso sinto que os minutos na fila são horas de medo e preocupação. Para mim a escola inteira é uma montanha e a fila, a outra montanha, tamanho peso para mim.

Comecei a ter sonhos aterrorizantes... a noite inteira é um conflito para mim, entre o meu desejo de dormir e o medo dos pesadelos. O sono se tornou um monstro escondido detrás de minhas pálpebras. Fico assim até o amanhecer. Não sei quando dormi e quando acordei.

Quero me tornar uma atriz, mas é muito difícil para uma garota que mora em Gaza conseguir realizar este sonho... Eu digo a mim mesma, “é uma lástima privar as pessoas de Gaza de meu talento, porque eu poderia me tornar uma atriz importante...” mas se não me querem, não me importa, irei a qualquer país e serei atriz lá.

De qualquer forma, os habitantes de Gaza são privados de tudo, não só de minha atuação. As vezes penso que as pessoas em Gaza mal têm o que comer; então como ir ao teatro?

Querem saber? Tenho vontade de morar numa sociedade civil, democrática, onde tenha paz e vinte cinemas, ficar vendo filmes e voar em minha imaginação e sonhos.

12. Reem

Nascida em 1996

Rua Al Saftawi

Quando eu era pequena, pensava ser a menina mais feliz do mundo, mas quanto mais cresço e mais minha consciência cresce, minha preocupação cresce também, porque entendo coisas que não entendia antes. Agora sei o que significa ser uma criança carente.

Ontem, sentada na escola, comecei a escutar o ruído dos aviões. Fiquei apavorada e quis sair correndo e fugir. Senti que ia morrer porque me lembrei da guerra. As cenas da guerra não saem de minha mente.

No terceiro dia da guerra minha família estava sentada junta, conversando sobre o que estava acontecendo na guerra, e minha avó nos tranquilizava para que não ficássemos apavorados. Nos acalmamos, embora o som dos mísseis não parava, mas a voz cálida de minha vó nos acalmou.

O telefone tocou e isto nos alegrou muito porque as linhas telefônicas não funcionam em época de guerra... - Alô - Sim? - Aqui é o Exército de Defesa de Israel. Vocês têm 5 minutos para evacuar a casa...- ... para seu próprio benefício, este é um alerta.

Não consegui mais ficar de pé. Todos que estavam em casa começaram a gritar. A primeira que saiu foi a minha avó, foi a primeira vez que a vi tão ligeira, meu pai abraçou minhas irmãs e eu e nos disse: não tenham medo.

Meu pai estava me puxando para sair, mas eu morreria sem meu ursinho de pelúcia. Senti que seria uma traição deixar ele debaixo do bombardeio. Escapei das mãos de meu pai, corri até meu ursinho, peguei ele nos braços e saí.

Fomos todos para longe da casa... e nos sentamos para esperar os cinco minutos.

Foram os 5 minutos mais longos da história... eles se tornaram dez... sentimos que foram anos que se passaram.

Eu estava num turbilhão. Pensamentos e sonhos se agitavam em minha cabeça e o mundo girava. Eu vi o sonho de ser médica ficando mais e mais distante.

Segurei meu ursinho e me lembrei de mim quando era pequena, de que sempre estava rindo. Quero voltar a ser pequena e continuar sendo pequena, eu não quero crescer.

Mas uma única coisa me confortou: foi o amor das pessoas que não nos deixaram nem por um instante. Gaza está cheia de amor.

Traduzido por Hamilton Rocha, São Paulo, Brasil. Novembro de 2023

13. Reema El Sadi
Nascida em 1995
Ash Sheikh Radwan

Eu tinha nove anos quando voltamos dos Emirados. Foi a minha primeira ida a Gaza. O carro andava pelas ruas e eu olhava pela janela. Não estava gostando de nada do que via pela cidade. Quando paramos num sinal de trânsito, um monte de criança se aproximou para mendigar e vender chiclete e biscoito. Nessa hora, senti raiva de mim mesma e quis voltar para os Emirados.

Desde então, moro em Gaza e não saio nem que me ofereçam morar em Paris... porque descobri que tem amor de sobra pro mundo inteiro aqui, e que um lugar é seu povo, e não seus prédios ou paisagens.

Mamãe sempre me contava de Gaza quando morávamos nos Emirados. Eu já a amava antes mesmo de ir morar lá. Depois, passei a gostar ainda mais. Gaza tem nuances que minha mãe não via. É uma grande lástima... Gaza só precisa de segurança para ser a cidade mais linda do mundo.

Na Guerra, os mosteiros de Taqwa e Nour foram bombardeados; em seguida, foi a vez da casa de Abu El Qare'e. E a casa de Abu El Qare'e é o tópico de nossa conversa aqui. Eles são nossos vizinhos e o serviço secreto israelense ameaçou jogar bomba lá. Todo mundo ficou dizendo que deveríamos mudar para o andar de baixo, que era mais seguro, e assim, quando bombardeassem a casa de Abu El Qare'e, não iriam nos atingir. Mudamos para o primeiro andar e aguardamos o exército bombardear...mas jogaram bomba foi no mosteiro de Nour. Todas as janelas, portas e escombros voaram para cima de nós enquanto estávamos no apartamento. Fiquei muito ferida; as portas caíram em cima de mim. Houve muita gritaria, claro, e a casa ficou uma bagunça total.

No dia seguinte, fizemos uma reunião de família e resolvemos voltar para o andar de cima. Foi o que fizemos, voltamos para o andar mais alto da casa. Mas dessa vez bombardearam o mosteiro de Taqwa. Os vidros e os escombros nos alcançaram lá no andar de cima... foi aí que resolvemos voltar pro andar de baixo, porque era mais seguro. Ficamos ali, esperando o exército jogar bomba na casa do Abu El Qare'e, e foi o que eles fizeram naquela noite.

Jogaram o primeiro rojão, e logo um segundo, mas este não explodiu... Se jogassem mais um que atingisse o que não explodiu, o bairro inteiro iria pelos ares... e as pessoas teriam que dizer: "Aqui ERA o bairro de Abu Qare'e."

Traduzido por Ricardo Silveira, Rio de Janeiro, Brasil. Novembro de 2023

14. Sami El Jerjawi

Nascido em 1994

Tuffah

A hora do dia que eu mais odeio é o meio-dia. Sempre que começam as provas, tenho a impressão de que a guerra vai recomeçar. Não consigo responder as perguntas da prova; os pensamentos entram e saem de minha cabeça até que não aguento mais... E fico me perguntando: será que isso que acontece comigo é normal, ou será que estou doente?

Dizem que o mar de Gaza leva as dores embora, mas a minha dor é maior do que o mar. Porque da última vez em que estive no mar, eu estava com o meu amigo; entramos na água, brincamos e foi uma delícia... Mas agora eu não posso mais ir à praia.

A rua Talateeni fica perto do posto de gasolina. Gasolina custa caro e é importante para todo mundo – quem tinha um litro de gasolina tinha tudo. A guerra corria solta, e as pessoas tinham medo de comprar qualquer coisa que fosse. Meu pai me mandou comprar gasolina. Depois de comprar o que ele tinha pedido, fui pra casa do meu amigo Zaki que morava perto do posto. Eu estava com saudades do meu amigo, fazia 10 dias que não brincava com ele.

Cheguei na casa dele às pressas, porque meu pai pediu eu voltasse logo com a gasolina. Entrei sem bater. A mãe dele me considera como filho, e eu também. Eu disse oi pra ela e pro meu amigo, eu o abracei e o beijei. Disse oi para os irmãos dele e parti rapidinho.

Não andei nem 20 metros e ouvi o barulho de um avião, junto com o barulho de uma bomba caindo na casa de meu amigo. Começaram a gritar que a casa tinha sido bombardeada. Não quis acreditar! Olhei para trás e vi a casa em chamas, a fumaça subindo. Nunca tinha visto coisa assim!

Voltei pra casa correndo. Assim que cheguei, meu pai disse que meu amigo havia morrido. Não, não morreu... Todo mundo me dizia que o meu amigo Zaki tinha morrido, e eu não conseguia acreditar. Por isso não fui no enterro, nem no hospital nem no cemitério, porque o Zaki não morreu.

Eu sempre converso com ele à noite... bem, não exatamente ele, mas com sua foto. Estou zangado porque ele não vem mais na minha casa e eu também parei de ir na casa dele. Tenho certeza que ele não morreu e que um dia a gente vai se reencontrar... A culpa é

dele, porque eu sinto muita saudade!

Eu tenho outro amigo que mora na Rússia e vive me contando coisas de lá, da liberdade e da segurança em que ele vive... A sensação que tenho é de que eu não vivo; tenho vontade de mergulhar bem fundo no mar, cada vez mais fundo, até sair do outro lado... e me perceber lá na Rússia!

15. Sujoud Abu Hussein

Nascida em 1995

Ash Sheikh Radwan

O que eu mais amo em Gaza é a bondade e simplicidade das pessoas, e o que eu mais odeio é o fanatismo político-partidário. Às vezes, sinto que há uma contradição entre todo esse amor e bondade que as pessoas têm, e esse mal que controla a superfície. Se estivesse em minhas mãos, resolveria o problema da divisão palestina amanhã.

Na guerra, assassinaram um líder importante do Hamas. Toda a mídia mundial cobriu o incidente. Mas o mundo todo estava em um vale, e nós estávamos no outro. Porque Mody e Sallouma, meus irmãos mais novos, e meu pai tinham ido para nossas terras que é ao lado do líder do Hamas... Ligamos para eles mil vezes, e, como de costume, as linhas móveis da Jawwal não funcionavam, o que nos deixava ainda mais estressados.

Mamãe começou a andar de um lado para o outro da varanda como um passarinho a quem tiraram os filhos. Ela imaginava que a varanda de alguma forma resgataria Mody, Sallouma e Papai. Eu estava realmente estressada, comecei a chorar e desci para ver minha tia. Minha tia começou a me acalmar... ela mentiu para mim e disse que os tinha chamado e falado com eles. Eu sabia que ela não tinha falado com eles, mas ela estava me segurando e chorando, e eu estava chorando também. Quando subi para nossa casa, vi que mamãe ainda estava andando de um lado para o outro da varanda.

Esqueci de contar que Mody e Sallouma têm 5 e 7 anos... Eles costumavam dormir nos meus braços, e minha alma estava conectada a eles. Senti na época que minha alma ia escapar e eu morreria.

E sinceramente, só naquela hora eu senti que havia uma guerra em Gaza, porque ficava no computador o tempo todo e aquele dia foi a primeira vez que vivi a guerra.

Uma hora depois, bateram na porta de nossa casa e Papai voltou com Mody e Sallouma. Por mais que eu os amasse, foi a primeira vez que senti o quanto eles eram realmente queridos para mim, o quanto eu não suportaria ser separada deles. Coloquei-os no colo e os beijei como se fosse a primeira vez que os segurava. E mamãe parou de andar de um lado para o outro na varanda, e foi a primeira vez que senti o quanto ela amava Papai.

Depois da guerra, comecei a pensar, por que somos assim, fora de todo o mundo?

Eles pegaram nossa terra e nos expulsaram de nossas casas... E porque estamos nos defendendo, tudo isso acontece conosco?

Não há água... não há eletricidade... não há telefones... não há gasolina... O que somos para o mundo, não somos humanos?

16. Suha Al Mamlouk

Nascida em 1995

Tuffah

Gaza muda todos os dias. Tanto é que meus sonhos também mudam constantemente. Toda vez que dou um passo à frente, eu retrocedo cem passos.

Quando a guerra começou, eu estava na escola. Eu vi os pais correndo em todas as direções para pegar seus filhos, mas meu pai não veio me buscar. Eu não entendi o que estava acontecendo, entrei em pânico, porque eu não sabia o caminho de volta pra casa. Eu estava sentada na calçada chorando quando um senhor parou na minha frente e perguntou onde eu morava. Expliquei e ele me levou para casa.

Quando cheguei em casa, perguntei à minha mãe: “Por que meu pai não foi me buscar?”

Ela me respondeu: “Não é nada minha filha. Isto é normal. Vá estudar...”

Eu lhe disse: “Não tem mais provas! A guerra começou!”

À tarde, bombardearam o edifício do governo ao lado da nossa casa. Minha mãe falou: “Não é nada, é normal. Estamos acostumados com o que está nos acontecendo.”

Corremos para a casa dos vizinhos. Era um verdadeiro “salve-se quem puder”! Logo, os pais dos vizinhos chegaram também. A casa estava completamente lotada, com mais de cem pessoas, mas, para minha mãe, isso ainda era normal, como sempre.

Na manhã seguinte, meu pai foi comprar pão ficou na fila por seis horas e voltou com somente um pacote de pão. Era meio por pessoa, mas, para minha mãe, era tudo normal.

À noite, meus pais decidiram ir ao hospital para visitar os feridos e eu fui com eles. Lá, vimos muitos mártires. Eles estavam amontoados, eram quatro numa cama, um em cima do outro. Foi só neste momento que minha mãe disse: “Isso não é normal”.

A guerra não acabou. A guerra é longa e eu tenho medo de crescer nela. Sempre tenho medo de que haja uma nova guerra. Se um balão estoura

ao meu lado, fico com medo... se um carro dá uma grande freada, eu salto vinte metros... Se uma criança berra, eu começo a gritar também.

A noite inteira eu fico acordada, esperando o amanhecer, mas, a cada manhã que nasce, o novo dia que chega não é nada diferente do dia anterior...

17. Ali Al Hassany
Nascido em 1995
Rua Al Saftawi

O que mais gosto em Gaza é que ela não é como os outros países. Em outros lugares, há muitos problemas: fome, bloqueio, ocupação, divisões internas, bombardeios, destruição, morte... mas nós não temos nada disso. É por isso que gosto muito de Gaza. Em especial, gosto da limpeza do tratamento de água e das ruas, e, também, do fato de que as pessoas se amarem muito, de que a vida não é cara, de que todos são felizes e os peixes saudáveis, e que não nadam nos esgotos. E que assim, é certo e seguro que não morrerei de fome ou miséria, ou de um ataque cardíaco qualquer, como metade da minha família, por excesso de “felicidade”.

Gostaria de revelar a vocês um segredo, que guardo trancado em meu coração, e que ainda hesito em divulgar. O segredo é o seguinte: saibam vocês que eu sou a causa da guerra contra Gaza. Sem dúvida, vocês se surpreenderão... Pois bem, em toda minha vida eu nunca tive um sonho que não se tornou realidade! E na noite que precedeu ao início da guerra, eu sonhei que a guerra tinha começado e que nossa casa foi bombardeada e eu era o único sobrevivente. No dia seguinte, às 11h25 da manhã, Gaza sofreu os primeiros ataques aéreos.

O primeiro choque que tive durante a guerra foi de que o professor mais severo e rígido da escola, o professor de matemática, desde o primeiro minuto, foi pra debaixo da mesa com medo. Eu pensei comigo: se o professor mais durão se esconde debaixo da mesa, e nós, o que fazemos? Muitos meninos mijaram nas calças. Eu comecei a gritar, e todo mundo gritou junto. Eu berrei por minha casa, que tinha certeza fora destruída, e por minha família, que tinha certeza haviam sido martirizados.

Corri para fora, queria encontrar minha família, tentei por duas horas um carro para me levar, e finalmente, voltei a pé para casa. Durante todo o percurso, eu estava convencido de que encontraria meus pais mortos e a casa destruída. Cheguei e a casa estava de pé e meus pais estavam tirando as janelas para que os vidros não se quebrassem com a pressão do ar.

Até hoje, no entanto, tenho medo que bombardeiem nossa casa. É por isso que – e você pode perguntar a minha mãe – que durmo sobre três colchões. Assim, se houver um bombardeio, os colchões absorverão os

golpes e, a mim, não acontecerá nada. Odeio sonhar, mas os sonhos não estão sob nosso controle.

Eu penso que o Ali antes da guerra – ou seja, eu– é diferente do Ali de depois da guerra, um novo indivíduo que estou tentando conhecer. Antes da guerra, eu não entendia nada de política. Nem sabia a diferença entre Presidente do país e Primeiro-Ministro. Eu nunca ouvia notícias... Mas, hoje em dia, me tornei um verdadeiro analista político! Al-Jazeera de manhã, ao meio-dia e à noite. Vejo todos os programas políticos, e, depois, discuto sobre eles... sinto que as notícias e a política são muito importantes na nossa vida. É isso que nos dá a vida e a morte. E, acima de tudo, porque quero ser o primeiro a saber se haverá outra guerra, novamente...

18. Fateema Abu Hashem

Nascida em 1996

Rua Al Jalaa'

Quando converso com crianças palestinas na Europa, sinto pena delas, e não desejo ser como elas, porque elas estão na diáspora. Plantam seus sonhos em uma terra que não é delas. Os sonhos crescem com as pessoas e o país.

Eu amo a vida, amo brincar e amo as pessoas... Eu gostaria de ser a Presidente da Palestina por um dia, para enriquecer o amor e a paz entre as pessoas, acabar com o ódio e o rancor em seus corações e pôr fim à divisão interna. Essa seria minha primeira decisão presidencial...Mas, infelizmente, eu não sou a Presidente, e é por isso que houve uma guerra.

A guerra começou com bombardeios como uma chuva... Saímos correndo da escola com medo... e encontramos o mundo todo correndo nas ruas. As pessoas estavam procurando seus filhos, irmãs e mães... Todos estavam correndo com as cabeças erguidas para o céu. Honestamente, eles pareciam estranhos. Vi uma delas de longe usando pijamas, descalça e correndo. Quando a vi pela primeira vez, não a reconheci, mas quando me aproximei dela - uau, é a esposa do meu tio, a chique que não sai de casa sem parecer impecável. Então, tive certeza de que a guerra havia começado.

Já faz mais de um ano que estamos falando sobre a guerra; vivemos e continuamos a vivê-la todos os dias em detalhes. Porque a TV, o telefone e a campanha são coisas que me lembram da guerra e eu não gosto delas. Eu até joguei fora meu celular. E tenho muito mais medo de ficar sozinha. Penso: O que eu faria se começar uma guerra e eu estiver sozinha, quem me protegeria? E quando estou com a família, começo a pensar em como eu os protegeria.

Eu tinha um grande sonho; tornar-me atriz, mas esse sonho começou a encolher lentamente, porque as pessoas no meu país não olham para uma atriz de maneira positiva, embora a atuação seja importante e me permita transmitir a imagem do sofrimento do meu país e sociedade para o mundo. Tenho um segundo sonho, se o primeiro não der certo - ser jornalista, e o terceiro sonho é formar uma família que eu ame e que me ame. O quarto é que sejamos livres e que a bandeira da Palestina voe livremente, e o quinto é ver as pessoas felizes, sem morte, destruição, privação ou guerra, e o sexto e último é eu terminar esse monólogo e descer do palco...

Traduzido por Eliakim Pinheiro, Macapá, Amapá, Brasil. Novembro de 2023

19. Fateema Atallah

Nascida em 1996

Ash Sheikh Radwan

Os peixes de Gaza fugiram... mas as pessoas não conseguiram. Eles abriram o esgoto para o mar, e se o mar pudesse falar, diria a eles: "Vergonha pelo que vocês estão fazendo com Gaza e comigo." Em vez de escolas de música e teatro, Gaza se tornou uma escola de tiros e assassinatos.

Eu tenho muito medo da natureza, tenho medo de baratas e pássaros, e me preocupo dia e noite... No primeiro dia da guerra, todas as meninas foram para casa, exceto eu. Eu fui a última a sair da escola. Eu estava sentada lá, tremendo, não conseguia ficar de pé... Finalmente, senti que se eu não me ajudasse, ninguém o faria... Reuni coragem e me levantei, tremendo, e andei como uma árvore ao vento, todo o meu corpo tremendo. As pessoas passavam perto de mim, mas ninguém me percebia. Os sons dos foguetes ficavam mais altos e o horror em meu coração crescia mais profundo.

Normalmente, a distância da escola até minha casa é meia hora, mas naquele dia cheguei em casa em quinze minutos por causa do meu medo. Foi o momento em que mais tive medo em toda minha vida... A cada segundo, eu pensava que ia morrer. Foi a primeira vez que senti essa terrível solidão, mesmo que as ruas estivessem cheias de pessoas.

Cheguei em casa e fiquei em pé na janela. Um foguete caiu perto de nossa casa, e eu voei do chão e caí de costas. Durante toda a guerra, não consegui ficar perto das janelas. Comecei a dormir em um cômodo interno que não tem uma única janela.

Acho que ainda tenho medo, até hoje... mas finjo que não.

20. Muhammad El Omrani
Nascido em 1995
Al Shuja'iyeh/AI Montar

Gaza, os braços calorosos e o fogo do inferno. Horror, medo, morte e destruição, mas desta vez a nossa área estava "segura". Toda vez que a ocupação ataca, eles nos atingem primeiro, mas parece que desta vez eles se cansaram da nossa área e queriam fazer alguma mudança, então tivemos sorte.

Eu costumava passar o dia inteiro sentado em uma cadeira observando as pessoas fugirem de suas casas em direção às fronteiras, carregando seus pertences, filhos e filhas e indo para o oeste. Alguns deles carregavam seus filhos nos ombros, suas mães nas costas... Para onde estavam indo, você não sabe, até que toda Gaza foi comprimida em uma área. Então a distância ficou mais apertada, e eles começaram a fugir da mesquita, e ficou mais apertado e mais apertado até chegarem à nossa casa. Eu disse ao meu pai: "O quê? É a nossa vez agora? Mas para onde vamos?" Meu pai insistiu que ficássemos em casa e disse: "Uma pessoa que deixa sua casa perde sua dignidade..." Eu disse a mim mesmo: "Criança, fique aí, você não é melhor que os outros, e aconteça o que acontecer, acontece."

O dia todo eu me ocupava com comida, e às vezes íamos buscar água com meus primos nas torneiras da rua, que ficavam a cerca de 1000 metros da casa. Costumávamos pegar o carrinho de burro do Sabri, ele e o irmão vinham conosco para ajudar. Todo o caminho ele nos contava sobre seus atos heróicos e seu cavalo e como ele ia para o deserto e caçava pássaros com o estilingue. Eu nunca carreguei um estilingue - é assustador. Mas as histórias eram boas, e nesses dias, eram entretenimento, apesar do nosso medo. Costumávamos conversar para amenizar nosso medo de estar nas ruas.

Quando o dia acabava e a noite chegava, dizíamos: "A noite chegou com suas inquietações." Nem conseguíamos dormir, eu dormia por 15 minutos e acordava por 3 horas, como você pode dormir com os bombardeios acontecendo?! E estamos deitados na cama esperando nosso destino. Às vezes eu olhava para o céu na borda da janela e via o mundo tãããõ vermelho com fogo e fumaça por toda parte, e me perguntava: por que o mundo inteiro está em paz e nós estamos vivendo um inferno?

21. Muhammad Qasem

Nascido em 1995

Rua Al Saftawi

Minha avó e eu estávamos em casa sozinhos. Ela me contava histórias sobre os dias do nosso país, histórias engraçadas e tristes, mas ela nunca me contava uma história completa porque sempre tinha que ir ao banheiro no meio do caminho. Minha avó passa metade do tempo no quarto e a outra metade no banheiro.

Meus pais voltaram às 10h30 da noite e foram dormir imediatamente. Eu não conseguia dormir; estava deitado na cama acordado, escrevendo minha lição de casa. De repente, ouvi o barulho de uma explosão distante. Fui ao quarto dos meus pais e peguei o rádio para ouvir as notícias. Acordei meu pai e disse a ele: "Ouvi o som de uma explosão forte." Ele disse: "Fique quieto e vá dormir, é apenas um tiroteio sem rumo."

De qualquer forma, voltei para a cama, e a eletricidade acabou. De repente! Houve uma explosão enorme que abalou meu mundo, puxei meu cobertor e cobri meu rosto e algo caiu sobre mim. Levantei o cobertor com toda a minha força e era a moldura da janela que havia caído sobre mim. O cobertor estava cheio de vidro, e toda a nossa casa estava cheia de fumaça preta... Foi o dia em que atingiram o sindicato dos trabalhadores, bem ao lado da nossa casa.

Mas isso não é o ponto. O ponto são as coisas estúpidas que aconteceram e para as quais não consigo encontrar uma explicação. Primeiro, o mundo estava pegando fogo e todos sentíamos que íamos morrer, mas minha avó estava procurando sua dentadura postiça - ela tinha medo de que, quando morresse, as pessoas descobrissem que ela não tinha dentes... como se elas já não soubessem! Segundo, a casa estava cheia de fumaça, mas meu pai acendeu um cigarro e fumou... como se precisássemos de mais fumaça! Terceiro, meu tio ligou para garantir que estávamos bem, e meu pai disse a ele que estávamos todos bem, graças a Deus, mas que todas as janelas da casa estavam quebradas, exceto uma. Meu tio disse a ele para quebrá-la, e meu pai a quebrou!

E não sei por que estou contando essa história, tudo o que sei é que estamos vivendo em uma gaiola... uma prisão... como um pássaro enjaulado, que quer sair, mas está cercado. Crianças estão morrendo diante dos olhos de suas mães, corações estão chorando por elas e gritando com a voz mais alta, mas ninguém ouve. Nenhum coração se amolece e parece que ninguém se importa!

Traduzido por Eliakim Pinheiro, Macapá, Amapá, Brasil. Novembro de 2023

22. Mahmud Abu Shaa'ban

Nascido em 1996

Al Remal

Vão me chamar de louco, maluco, doido, vá em frente... Não me importo, não faz mais diferença para mim... Na verdade, o que está acontecendo comigo não é normal. Quero dizer, perder a confiança nos meus amigos é normal; muitas pessoas perderam a confiança nos outros... Mas o que está me deixando louco é que perdi a confiança em vitrines e carros, em delegacias de polícia e áreas suspeitas. Na minha filosofia pessoal, toda Gaza é uma área suspeita. Para resumir, tudo o que foi atingido na guerra, eu tenho medo de me aproximar hoje.

Não sei como andar na rua, se estiver andando à direita e ficar com medo, mudaria para a esquerda, mas ficaria com medo... então voltaria para a direita... e ficaria nesse redemoinho... Onde deveria andar – no meio da rua?!

Veja bem, no primeiro dia da guerra, eu estava na loja do meu irmão que vende computadores e acessórios para celular... uma medalha caiu no chão e meu irmão me disse para pendurá-la. De repente, enquanto a pendurava, ouvi o som de foguetes, e o vidro caiu sobre mim e me feriu. Eu estava assustado. Não estava com medo por mim mesmo, mas por meu irmão. Ele também ficou ferido.

Ele estava preocupado com nossa família. Ele me disse: "Suba para a casa e certifique-se de que estão bem."

Subi as escadas e não estava com medo. Certifiquei-me de que estavam todos bem, e estavam todos bem, graças a Deus.

Caminhei pela rua para descobrir onde a explosão aconteceu. Ouvimos muitas explosões. Gaza se tornou como uma noite escura por causa da fumaça. Mas ainda assim eu não estava com medo.

Esqueci de te contar que meu irmão tinha uma xícara de chá na primeira explosão, que caiu de sua mão e quebrou.

Você acha que foi por medo???

23. Mahmud

Nascido em 1995

Ash Shati' Camp

Quero escrever as palavras mais bonitas sobre Gaza, mas não posso. Não posso deixar de ver a pobreza, o bloqueio e a fome, especialmente quando Gaza inteira invadiu Al-Areesh e levou todas as suas mercados em duas horas. Não posso deixar de ver a escassez em cada casa, o medo e a doença.

O que você quer que eu diga sobre Gaza? Desde que tomei conhecimento disso, estou triste por tudo o que acontece. Acima de tudo, crianças e até adultos, jovens, mulheres, meninas, animais, pedras e árvores, tudo em Gaza chora... Procuo palavras bonitas para dizer e não as encontro.

O mar é a única coisa que me ajuda a sonhar. Quando estou na costa, imagino Chipre, viajo para Paris, voo para Roma, tudo isso parado no mesmo lugar. Dou a volta ao mundo e finalmente aterro em minha cama, na nossa casa, no meio do campo de refugiados. Volto à realidade de Gaza, à feira suja, ao esgoto transbordando, às carroças e ao que as carroças carregam, ao cheiro sufocante e às pessoas silenciosas que não conseguem falar.

Quando olho para o relógio e são 11h55, começo a tremer e meu coração bate mais rápido, sinto como se a guerra estivesse começando de novo. Não é só o relógio que me assusta – tudo que voa também, até mesmo as moscas. Não posso contar a ninguém sobre meu medo para não me chamarem de fraco e frágil. O que mais me preocupa são meus irmãos mais velhos. Quando uma mosca pousa sobre um deles, sinto que vai matá-lo, começo a gritar e saio correndo do local. É por isso que agora saio sempre de casa, por causa da quantidade de moscas.

24. Mahmud El Turk
Nascido em 1994
Rua Al Jalaa' Remal

Antes da guerra eu era uma criança... Mas depois da guerra descobri que já não sou mais uma criança e que Gaza, ao contrário de todas as cidades do mundo, não têm crianças.

Quando a guerra começou eu estava brincando no meu bairro e vi todos os vizinhos fugindo. E perguntei: o que está acontecendo? Eles me disseram: "O Exército Israelense disse aos vizinhos que vão bombardear a casa deles". Corri de volta para casa para contar aos meus pais. Em menos de um minuto saímos de casa. Não trouxemos nada, exceto o fogão a gás, porque isso é mais caro que ouro aqui em Gaza.

Naquele momento senti que nunca mais voltaria para casa.

Fomos para a casa do meu avô. No dia seguinte, a Inteligência Israelense ligou para a casa do meu avô e disse-lhe que iriam bombardeá-la. Saímos correndo e fomos para a casa do meu outro avô, pai da minha mãe. Havia outras cinco famílias lá, todas minhas tias. Meus primos e eu nos tornamos bons amigos; ficamos acordados a noite toda conversando sobre a guerra. Eu estava cansado e com medo e queria ir para casa dormir na minha cama e com meu travesseiro.

Três dias depois, a casa do nosso vizinho foi bombardeada. Após o bombardeio, todos os moradores do bairro voltaram para suas casas. Eu voltei para o meu quarto... mas não consegui mais dormir.

Há muito tempo que queria viajar. Tenho um tio no Canadá que sempre me manda vídeos dele com sua família em parques, no mar e nas lojas do Canadá... e no fundo das fotos sempre tem garotas canadenses... como se eu precisasse disso. É como se ele estivesse zombando de mim! Comecei a sonhar dia e noite com o Canadá... É por isso que agora eu gosto de atuar... Digo a mim mesmo que talvez atuar dê certo, que serei ator e viajarei para o Canadá! E serei canadense, me casarei com uma canadense e teremos filhos canadenses. Qual idioma se fala no Canadá? Não importa, vou aprender canadense e de todo modo isso não me preocupa, pois eles não vão saber que sou árabe no Canadá, já que eu sou muuuito loiro e de olhos azuis.

25. Mahmud Afana

Nascido em 1995

Rua Al Saftawi

Se você quiser me chamar de covarde, então faça isso... Porque depois da guerra, eu não respondo a nenhum garoto que me xinga ou até mesmo me bate. Eu apenas fico triste, o deixo e vou embora. Antes da guerra, eu não era assim - o pássaro voando me evitaria. Por que isso aconteceu comigo? Porque honestamente, depois de ver tantas crianças morrendo na guerra, comecei a sentir que todos nós vamos morrer, é apenas um pouco adiado. Eu disse a mim mesmo: "Garoto, você é muito maior que isso." Comecei a sentir que tinha cem anos.

A guerra terminou no chão, mas ainda está na minha cabeça. Eu quero ser como qualquer criança neste mundo... não no mundo todo, pelo menos em Jerusalém. Quando converso com meus primos, que estão morando em Jerusalém, na internet, sinto que vivem a sua infância e que não pensam como eu, de jeito nenhum. Tenho medo de contar a eles o que eu penso, para que não achem que sou estranho. Finjo os ouvir e minto para eles. Eles não viveram o que nós vivemos na guerra.

Minha família, a do meu tio e a do meu avô, foram todas morar na casa do meu tio Anan porque era longe da guerra e era uma área segura, ou assim pensávamos.

No dia seguinte, houve bombardeio na rua ao lado da casa do meu tio, e o muro atrás da casa desabou.

No terceiro dia, meu tio, na casa de quem estávamos hospedados, foi comprar *foul* [feijão] e falafel para o café da manhã. Quando voltou, estacionou o carro na porta de casa, e antes de descer do carro, um foguete caiu sobre ele. A metade superior do corpo dele caiu no asfalto, e quando a ambulância chegou, tiraram a metade inferior do carro. Os paramédicos foram e recolheram a metade superior em um saco plástico e o levaram para o hospital... Todos começaram a lamentar e gritar... e minha mãe começou a pedir a Deus que o trouxesse de volta em segurança.

Não sei, ela estava mentindo para si mesma ou para nós?? Claro que meu tio não voltou e não voltará em segurança.

26. Mahmud Najem

Nascido em 1994

Ash Sheikh Radwan

Pela primeira vez, as ruas de Gaza estavam limpas, não havia papel nem papelão. As pessoas estavam recolhendo o papel das ruas para usar no cozimento, porque a eletricidade estava desconectada. Minha mãe não queria assar pão e pediu para eu trazer pão da padaria. A fila na padaria se estendia de Gaza até a Cisjordânia. As pessoas ficavam na fila por 8 horas para chegar a vez delas e pegar meio pacote de pão.

Em questão de segundos, um lançador de foguetes palestino foi erguido na área e em menos de um segundo os aviões israelenses começaram a bombardeá-lo. As pessoas começaram a correr em todas as direções e as ambulâncias chegaram. Pessoas começaram a cair mortas... outras ficaram feridas. Eu estava em choque, e pessoas na rua começaram a me agradecer por estar a salvo.

De qualquer forma, eu voltei para casa sem o pão. E minha mãe gritou comigo... mas até hoje, ela não sabe porque eu não trouxe o pão.

27. Heba Daoud

Nascida em 1995

The Harbor

Certa vez, quando eu tinha cinco anos, fomos à Tiberíades... Era uma cidade muito bonita. A gente acreditava estar no paraíso. Quando estávamos no caminho de volta, no ônibus, alguém ligou para o motorista e disse: “Não volte pela estrada de Jerusalém, Sharon entrou na Mesquita Al-Aqsa”. Foi então, naquele momento somente, que compreendi que Tiberíades não era nossa.

Estudo na escola de Al-Rimal, ao lado da Secretaria de Passaportes, que foi onde ocorreu o primeiro bombardeio. A Secretaria voou toda para a escola! Todas as meninas começaram a chorar, menos eu, que comecei a rir. Até hoje, não entendi por que comecei a rir...

Quando voltei para casa, vi na televisão que todos os edifícios na vizinhança da escola haviam sido destruídos. Também vi os corpos dos mártires alinhados, um ao lado do outro, estendidos. Eu vi nossa escola, mas, graças a Deus, não me vi na televisão! Meu Deus, faça com que eu nunca apareça na tela de uma televisão! Ela não nos traz nada além da morte.

Depois da guerra, comecei a ler o que as pessoas pensam antes mesmo delas falarem. E só pelo seu olhar, sei o que elas querem. Também passei a saber de coisas que alguém da minha idade não deveria saber. Me tornei corajosa e aprendi a falar bem. E agora tenho mais confiança nas pessoas. Então, como é que é, a guerra então traz benefícios...? Alguém pode crer que a guerra traz benefícios? Eu me sinto mais forte desde a guerra e caminho em direção ao futuro a passos mais seguros.

28. Wi'am El Dieri

Nascida em 1997

Es Sabra

A coisa que eu mais amava em Gaza era o Jardim Público Barcelona. Costumávamos ir sempre, eu com minhas amigas, umas três ou quatro vezes por semana. Íamos na balança, brincávamos, ríamos... Durante a guerra, as forças de ocupação destruíram o jardim com suas escavadeiras. Quando visitei o local, comecei a chorar. Eu me lembrei de onde brincávamos, onde ficavam as balanças e como nos divertíamos, minhas amigas e eu.

Quero ser advogada, para defender as pessoas que foram vitimizadas... e você não as encontrará mais numerosas que aqui que no império de Gaza. Tenho a impressão que em Gaza são cem países e um milhão e meio de presidentes!

Os tanques chegaram à nossa casa às cinco da manhã. Minha mãe começou a juntar as coisas e em poucos segundos a casa estava de cabeça para baixo. Todos começaram a gritar e a carregar o que conseguiam. Fugimos correndo pelas ruas, sem saber para onde ir.

Minha avó disse: “Não há mais nada a fazer senão ir para as escolas.” Ah! Viva as escolas! Minha escola é a mais bonita da cidade. Dormimos lá em umas cem pessoas por sala. Já na primeira noite, briguei com uma garota por 25 centímetros de espaço para dormir. Nem sei como conseguimos dormir... Dormimos empilhados um em cima do outro, como velhos potes quebrados, jogados num canto.

Depois de três dias, voltamos para nossa casa, mas muitas coisas tinham mudado. O bairro já não era mais o mesmo e as pessoas também tinham mudado. O que mais mudou em mim é que eu me tornei uma fofqueira. De verdade que não consigo mais segurar minha língua. Nosso professor de teatro me disse que em Gaza isso é muito comum. Todas as pessoas dizem coisas ruins uns dos outros, mas minha diferença dos demais é que eles não sabem que são fofqueiros! Enquanto eu, eu reconheço, conscientemente, e em plena posse de minhas faculdades mentais. E, quando não consigo ninguém para falar mal, falo mal de mim mesma!

29. Yasmineen Ja'rour

Nascida em 1996

Al Daraj

Nosso futuro em Gaza é obscuro e desconhecido.... como um vulcão calmo que pode explodir a qualquer momento.... como se estivéssemos num navio sem capitão no meio do mar turbulento.... vamos para a direita e para esquerda...e ninguém sabe de que lado se segurar.

Escuto que em outros países, a infância é sagrada, que as crianças vivem suas vidas sem problemas e sem medo... mas as crianças em Gaza foram esquecidas e estão fora do quadro ... elas são as que mais sofrem com a injustiça, porque a sociedade não as trata como crianças. Quando querem, fazem delas adultos e quando querem, elas voltam a ser crianças, e a grande maioria das pessoas as trata como se fossem só corpo, sem mente. Quando vejo uma criança vendendo na rua ou trabalhando numa loja, imagino todas as crianças do resto do mundo brincando, se divertindo, repousando e se sentindo seguras. Para ser honesta, meu coração fica partido quando vejo isso, eu às vezes choro.

Gaza não tem ternura e não tem infância, um menino nasce homem é uma menina nasce noiva.

Antes da guerra meu pai era muito mais amoroso comigo, queria que ele me segurasse em seus braços como antigamente... mas Deus ajuda ele, pois, com toda certeza ele também está preocupado. Porque na guerra perdemos 5 donums (equivalente a 5 mil metros quadrados) em um segundo. Nosso pomar de 60 anos foi destruído por um míssil do exército israelense que queimou todas nossas laranjeiras. Meu pai, meu irmão e eu poderíamos ter morrido pois estávamos muito perto da janela. Se o meu pai não tivesse me jogado no chão, todos os estilhaços teriam me atingido.

Depois da guerra, visitei o posto de fronteira de Rafah, e vi as bandeiras Palestina e do Egito, uma ao lado da outra, mas separadas por um arame. Senti a diferença entre as duas bandeiras e que esse arame era a fronteira dessa grande prisão na qual vivemos. Senti quão estúpido e injusto este mundo é, senti de romper com todas as fronteiras e pôr fim nas diferenças entre as raças e as religiões para que todos neste mundo se sintam como irmãos. Meu sonho é viver num país seguro, mesmo que em um pequeno vilarejo, numa ilha distante, no fim do mundo.

Traduzido por Gabriela Severino, São Paulo, Brasil. Novembro de 2023

30. Yasmeen Abu Amer

Nascida em 1966

Al Shuja'iyeh

Eu quero ser uma especialista em ciência da metafísica (que é o que está além da natureza). Sabem por quê? Porque para mim Gaza está além da natureza, aprendi muito vivendo em Gaza e gostaria de transmitir isso, a minha experiência, para os outros.

O Campo de refugiados de Shuja'iyeh sempre é o centro dos acontecimentos. Sempre que a ocupação quer invadir Gaza eles passam pela nossa casa. Quando a guerra começou, as pessoas deixaram suas casas, porque, como de costume, Shuja'iyeh seria supostamente atingido. Então seria natural que *nós* também deixássemos a nossa casa.

Todo mundo ligava pro meu pai, tentando convencer ele a nossa deixar a casa: meus irmãos que moram em Argélia, meus tios que vivem nos Estados Unidos, meus tios de Ankara, o mundo inteiro estava suplicando a meu pai, mas ele não queria saber de escutar, se recusava a abandonar Shuja'iyeh... Minha mãe estava há três dias com as malas prontas e tudo empacotado, e todos nós, em modo viagem, em suspenso... queríamos ir para a casa de minha irmã pois lá estaríamos em segurança. Depois de falarmos à exaustão, ele finalmente aceitou e disse: "Vocês vão na frente e eu vou na sequência".

Como poderíamos ir e deixá-lo? Minha mãe foi muito esperta, *esqueceu* o pão em casa - e vocês sabem que na guerra o pão é fundamental. Então, assim que chegamos na casa da minha irmã, ela telefonou para papai e disse: "Slimane, esquecemos o pão! Por favor, traga o pão para nós.", e Slimane caiu na armadilha e trouxe o pão, e nós não o deixamos mais partir!

Na manhã seguinte, acordamos com a fumaça de uma bomba de fosfato...

Todos começamos a chorar, as lágrimas escorriam por causa do fosfato. A bomba foi mais fácil de aturar do que a provocação do papai: "Eu lhes disse que era melhor ficarmos na nossa casa, não tem lugar melhor que nosso lar".

O que pôs mais lenha na fogueira ainda é que a mesquita e a casa ao lado da casa de minha irmã foram destruídas pelo bombardeio, e vocês podem imaginar o meu pai falando! Ele queria que a gente voltasse imediatamente. Ele não tinha terminado de falar quando nos informaram que

a casa do lado da nossa, em Shuja'iyyeh, tinha sido bombardeada e que a casa da frente da nossa tinha sido arrancada. Então, pela primeira vez, ficamos todos olhando pro papai.

Ficamos na casa de minha irmã. Ficou claro para nós que estamos em Gaza que em época de guerra não temos nenhuma segurança.

Depois da guerra comecei a me vestir com minha melhor roupa, e me lavava sempre, porque se morresse, morria de maneira agradável. O maior problema seria se um míssil caísse sobre mim diretamente, porque nesse caso eu seria despedaçada em mil pedaços e eu gostaria de morrer em um pedaço só.

Ai Gaza e os sonhos de Gaza....

Hoje, nosso sonho é morrer uma boa morte - e não viver uma boa vida!

31. Yasmeen

Nascida em 1996

Ash Sheikh Radwan

Quando começou a guerra, minha mãe, meus irmãos, minhas irmãs e eu morávamos na Rússia, e eu me preocupava muito com meu pai. Queríamos deixar a Rússia e voltar para Gaza, onde moravam nossos familiares, e viver o mesmo que eles viviam. Quando terminou a guerra e abriram as fronteiras, voltamos à Gaza, e desde então, até hoje, nós sempre escutamos as histórias da guerra.

Na Rússia eu não conseguia dormir de preocupação com meu pai. Antes da guerra, quando o celular tocava e o chamado era de Gaza, ficávamos todos muito felizes e corríamos para ver quem iria atender o telefone primeiro. Mas na guerra, toda vez que o celular tocava e era uma chamada de qualquer número, quer fosse um número conhecido quer não, a gente falava: MEU DEUS e ficávamos nos olhando uns para os outros para ver quem ia atender.

Depois da guerra, muitas coisas mudaram, comecei a ver as coisas de maneira diferente; a amar a cidade, a vida ficou mais bela, e eu também. Tenho agora outros amigos e amigas, e que são mais amadurecidos. Me tornei mais forte e sincera, até mesmo perante meu pai, sendo assim, agora, posso enfrentar qualquer um! Minha mãe e eu nos tornamos amigas, de noite, ficamos as duas conversando sobre tudo...

No futuro, se eu conseguir crescer– e em Gaza é uma conquista crescer, porque aqui, a morte está atrás de nossa porta –, quero ser cuidadora de crianças e defender seus direitos. Eu sinto que as crianças palestinas nascem velhas, uma criança pode ter seis anos e já sustentar sua família.

32. Riham Hajjaj

Nascido em 1996

Al Shuja'iyeh/Al Montar

Olá, o meu nome é Riham e o do meu pai é Faraj. A coisa de que mais gostamos na vida são as galinhas... a ponto de querermos que as pessoas nos chamem de “Abu Dajaj”, pai das galinhas. Gostamos tanto de galinhas que construímos três fazendas.

Quero contar-lhe o que se passou conosco na guerra; não tenho ninguém próximo que tenha sido martirizado e não tivemos bombardeios pesados na nossa zona... Sinceramente, eu não tava sentindo a guerra. Até que um dia, estávamos sentados alegres e, de repente, o meu tio veio à nossa casa com um ar diferente no rosto. Disse ao meu pai que o exército israelense tinha lançado bombas sobre os nossos galinheiros e tinha destruído um deles. O meu pai foi correndo para a fazenda. As perdas foram 3 mil galinhas e os sacos de ração. O exército levou todos os sacos e os levou para os bunkers ao invés de usar sacos de areia.

Não estávamos aborrecidos com as perdas financeiras. Esperávamos que bombardeassem a fazenda ou que nos bombardeassem a qualquer momento - porque os mísseis israelenses não faziam distinção entre a Fatah e o Hamas, ou entre alguém de Gaza e um imigrante – mas nós estávamos muito aborrecidos por causa das nossas galinhas. Que culpa tinham delas? E o que elas têm a ver com a guerra???

Sabem... Hoje vivo em Gaza como se fosse Paris. Vejo toda a dor e a tristeza, a raiva e as tragédias, mas Gaza é tipo uma fénix que continua a ressurgir das cinzas após a sua morte e a voar pelo céu - essa é Gaza. Sempre que o mundo pensa que está acabada, enfraquecida, morta, continua a levantar-se depois de todos os golpes, mais forte e mais determinada do que antes. É por isso que amo Gaza e continuarei a viver nela... Em Gaza e com Gaza realizarei os meus sonhos.

33. Hana Hajjaj
Nascida em 1995
Rua Al Yarmouk

A gente tava sentado em casa um dia antes do início da guerra, às 10h30 da noite, o meu pai, a minha mãe, os meus irmãos e eu, a passar os canais de televisão... Notícias... Arte... Esportes... Bobagens... Mais do mesmo... Então o telefone tocou. Eu atendi.

- Sim, Lana, sim, amanhã às 6:30 da manhã, vamos juntas para a escola. Está bem querida, eu espero você.

E ela chegou de fato às 6:30 da manhã. Durante todo o caminho discutimos sobre quem estudava mais. Enfim, chegamos à escola e fomos fazer a prova... e depois fomos para casa.

Quando a Lana ria, o mundo inteiro ria-se com ela. Eu sentia que ela era a pessoa que mais me amava neste mundo. Uma vez me esqueci de fazer os deveres de casa de matemática, ela levou o meu caderno e eu levei o dela e ela ficou de castigo em vez de mim.

Ao voltar da escola para casa, ouvimos o som de aviões, seguido de uma explosão. Fiquei muito assustada. Era a primeira vez que ouvia um som tão assustador. A Lana aproximou-se de mim, segurou a minha mão, olhou para mim e me disse, sorrindo "Não tenha medo, a morte não pode nos separar." Enquanto ela falava, de repente, a rua encheu-se de fumaça e de sons de mísseis e explosões, um atrás do outro.

Ela me abraçou com força. Um momento depois ela caiu das minhas mãos e a fumaça desapareceu. Olhei para minha camisa e ela estava cheia de sangue, pensei que estava ferida. Comecei a gritar. Olhei para o chão e vi Lana ali deitada, olhando para mim, rindo e chorando ao mesmo tempo. Segurei a mão dela e ela me disse: "Não tenha medo, a morte não pode nos separar". E a mão dela escorregou da minha.

As pessoas se juntaram ao nosso redor e de repente a ambulância veio querendo tirá-la dos meus braços. Caí sobre ela e a segurei, e o paramédico disse: "É isso, deixa ela, Deus tenha piedade da alma dela..." Comecei a gritar e desmaiei. Acordei no hospital sem Lana e foi a primeira vez que ela não estava comigo.

Muitas vezes durante a noite, quando estou sentada, gostaria que o telefone tocasse e eu ouvisse novamente a voz da Lana me dizendo: nos encontraremos às 6h30...

Traduzido por Henrique Campos, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. Novembro de 2023

Coordenação e Revisão da Tradução: Adriana Kauffmann

Articulação e Gestão: Dan Baron - Rede Brasileira de Arteducadores (ABRA)
